CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO

PARECER COREN-SP GAB Nº 061 / 2011

Assunto: Preparo do corpo pós-morte utilizando o método da vela (tamponamento egípcio).

1. Do fato

Solicitado parecer sobre legalidade dos profissionais de enfermagem realizarem o preparo do corpo pós-morte utilizando o método da vela ou técnica egípcia ou tamponamento egípcio.

2. Da fundamentação e análise

A morte pode ser definida como deixar de viver; a cessação definitiva da vida. O morrer, por sua vez, como o tempo compreendido entre o momento em que a doença se torna irreversível até aquele em que o indivíduo deixa de responder a qualquer medida terapêutica, progredindo inexoravelmente para a morte.[1]

A partir de 1945, o morrer passou a ocorrer nos hospitais.[1,2] Desta forma, aprender a aceitar e a conviver com a morte tornou-se essencial para os profissionais da saúde.[1] Dentre estes, os profissionais da equipe de enfermagem extrapolam a dimensão do cuidar e do cuidado para além do momento de morte já que a eles cabe o cuidado com o corpo pós-morte.[3]

O Decreto 94.406/87[4], que regulamenta a Lei nº 7.498/86, que dispõe sobre a regulamentação do o exercício da Enfermagem em nosso país, determina:

> *" Art. 11 – O Auxiliar de Enfermagem executa as atividades auxiliares, de nível médio atribuídas à equipe de Enfermagem, cabendo-lhe:*
>
> ...
>
> *VIII – participar dos procedimentos pós morte."*

O Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (Resolução COFEN nº 311/2007[5]), em sua Seção I, das relações com a pessoa, família e coletividade; das responsabilidades e deveres dos profissionais de enfermagem, afirma:

> *"Art.19 – Respeitar o pudor, a privacidade e a intimidade do ser humano, em todo seu ciclo vital, inclusive nas situações de morte e pós-morte."*

Diversos autores afirmam que os cuidados com o corpo pós-morte, deverão ser prestados de forma digna, com sensibilidade e respeito, levando-se em consideração as crenças culturais ou religiosas do paciente e família.[6-8]

Estes cuidados estão relacionados a higienização (incluindo o tamponamento de orifícios e cavidades com algodão seco, com intuito de evitar saída de excreções e sangue), a identificação do corpo, bem como dispô-lo em posição adequada, antes da rigidez cadavérica.[8]

Dentre as técnicas para o preparo do corpo pós-morte, há o tamponamento egípcio que consiste na não utilização de algodão para tamponar os orifícios do corpo, sendo, em substituição ao mesmo, pingadas três gotas de vela no local da cicatriz umbilical.[3]

A fim de compreender a técnica e verificar sua fundamentação científica, realizou-se um levantamento bibliográfico nas bases de dados Pubmed, LILACS e MEDLINE. No entanto, não foram identificadas referências relacionadas à descrição e validação do procedimento de tamponamento egípcio.

Identificou-se, no banco de Teses e Dissertações de uma Universidade da cidade de Guarulhos, uma dissertação de mestrado na qual a autora conduziu um estudo com 154 profissionais de enfermagem, com objetivo de verificar o conhecimento dos mesmos sobre a realização da técnica de tamponamento egípcio. A autora afirma, no final de seu estudo, que não foi possível identificar uma fonte sólida, capaz de respaldar técnico-cientificamente a realização do procedimento. Também, neste mesmo estudo, a autora conta a trajetória percorrida em busca de informações sobre o procedimento de

tamponamento egípcio, levantamento bibliográfico em bibliotecas de enfermagem, história, antropologia, medicina legal, além de contato com o Serviço de Verificação de Óbito do município de São Paulo e com o Instituto de medicina Legal da Universidade de São Paulo, todos sem êxito.[9]

3. Da Conclusão

Diante do exposto, e considerando a ausência de evidências científicas que corroborem com a prática do tamponamento egípcio para o preparo do corpo pós-morte, a técnica não deverá ser executada por profissionais de enfermagem.

Recomenda-se a padronização dos cuidados técnicos a serem executados no preparo do corpo pós-morte, sendo os mesmo descritos em manuais técnicos, seguindo estudos científicos que comprovam sua eficácia, eficiência e efetividade.

É o nosso parecer.

São Paulo, 25 de julho de 2011.

Enfª Mirela Bertoli Passador
COREN-SP 72.376

Enfª Daniella Cristina Chanes
COREN-SP 115.894

Revisão Técnico-Legislativa

Enfª Regiane Fernandes
COREN-SP 68.316

Enf. Claudio Alves Porto
COREN-SP 2.286

Referências

1. Moritz R D. Os profissionais de saúde diante da morte e do morrer. Bioética, 2005; 13(2):51-63
2. Silvia K S da, Ribeiro G, Kruse M H L. Discurso de enfermeiras sobre a morte e morrer: vontade ou verdade? Ver. Bras. Enferm, Brasília,2009 maio-jun; 62(3):451-6.
3. Guimarães A M C. Cuidado do corpo após a morte pelo método da vela ou técnica egípcia ou tamponamento egípcio (Anexo D). IN: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância a Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS.Rotinas de Assistência Domiciliar Terapêutica)ADT) em HIV/Aids, 2006. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_rotinas_ADT_2007.pdf. Acesso em: 13/07/2011.
4. Brasil. Decreto nº 94.406, de 08 de julho de 1987. Regulamenta a Lei nº 7498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e dá outras providências. Disponível em: http://site.portalcofen.gov.br/node/4173.
5. COFEN. Resolução nº 311, de 08 de fevereiro de 2007. Aprova e reformula o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Disponível em: http://site.portalcofen.gov.br/node/4394.
6. Potter P A, Perry A G. A Experiência da perda, da morte e do luto. IN: _____. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. Páginas.
7. Wilkinsin J M, Leuven K V. Perda, pesar e estado terminal. IN: _____. Fundamentos de enfermagem: teorias, conceitos e aplicações. São Paulo: Roca, 2010. Páginas.
8. Nogimi Z. Fundamentos de Enfermagem. IN: Porto, Andrea (org). Curso didático de enfermagem. São Caetano do Sul, São Paulo: Yendis Editora, 2008. Páginas 03-136.
9. Guimarães, A M C. Resgate do conhecimento do cuidado do corpo após a morte pelo método da vela. [dissertação de mestrado].Guarulhos: Universidade de Guarulhos; 2001.